

## “RETRATO DO PROCURADOR E GENERAL DO MAR, DANIELE IV DOLFIN”

GIAMBATTISTA TIEPOLO

17 DEZEMBRO 2020 – 14 FEVEREIRO 2021

**BEM LONGE DO PODER ECONÓMICO**, político e militar que detivera na Idade Média e no Renascimento, traduzido num dos mais estimulantes ambientes culturais da Europa do seu tempo, a cidade de Veneza mantinha, no século XVIII, ainda assim, um esplendor invejável. O tráfico de especiarias e de artigos sumptuários continuava ativo, produzia e exportava manufaturas de luxo, exercia alguma influência comercial no Mediterrâneo oriental ao mesmo tempo que colhia, também, os frutos da grande estabilidade institucional que lhe proporcionava uma invulgar forma de governo. Tratava-se, na verdade, de uma República oligárquica, dominada por um conjunto restrito de famílias aristocráticas que se sucediam regularmente através de um sistema eletivo que abrangia todas as estruturas do estado, desde as mais ínfimas responsabilidades burocráticas aos órgãos máximos da administração da Sereníssima.

Ficou a dever-se a todas elas a animação artística da cidade, a renovação e a construção de igrejas, a modernização dos palácios lagunares, uma intensa atividade colecionista, e, em geral, um informado mecenato artístico que se estendeu da pintura à música. Foi neste contexto opulento que nasceu, em 1696, Giambattista Tiepolo, o mais ativo pintor de Veneza ao longo de toda a primeira metade do século XVIII. Ingressado cedo na oficina de Gregorio Lazzarini, pintor de certo sucesso que se dedicava sobretudo à pintura de História, Tiepolo ganhou precocemente os favores da aristocracia local, que nele reconheceu o artista capaz de conceber grandes composições de temas históricos e intenção alegórica e triunfal, enquadrados por arquiteturas ilusionistas de recorte clássico. Um gosto marcado por uma paleta vibrante e clara, plena de luz, a sua habilidade para criar cenas de pouco rigor arqueológico mas de inegável capacidade dramática, uma pincelada expressiva onde já se quis ver prenúncios do romantismo, a preparação e organização meticulosa das empreitadas, atraíram a atenção sobre o seu trabalho,



Giambattista Tiepolo  
(Veneza, 1696 – Madrid, 1770)  
***Retrato do Procurador e General do Mar, Daniele IV Dolfin***

1755-1760

Óleo sobre tela

235 × 158 cm

Veneza, Fondazione Querini Stampalia, inv. 219/259

para lá do Véneto: pintou, com a mesma energia, na Lombardia e na Alemanha, para a coroa sueca e para os czares russos, antes de acorrer a Madrid – onde veio a morrer em 1770 – chamado por Carlos III para a decoração do Palácio Real.

Os Dolfin pertenciam a uma das mais prestigiadas famílias patrícias venezianas, uma das vinte e quatro que, de acordo com a tradição, tinham contribuído para a fundação do Estado véneto. Da linhagem saíram inúmeras figuras de relevo que se distinguiram ao serviço da República: um doge, alguns procuradores de São Marcos, seis cardeais, diversos senadores, generais e embaixadores. Coube a Daniele III Dolfin uma campanha de obras de modernização do palácio familiar a San Pantaleone, que decorreu entre 1725 e 1730, assinalada pela encomenda de um ciclo de dez pinturas com temas da história de Roma a Giambattista Tiepolo, destinadas ao salão nobre da casa, entretanto enriquecido com um complexo programa de decoração a fresco, em *trompe l'oeil*, de que se encarregaram os pintores Niccolò Bambini e Antonio Felice Ferrari.

É porventura esta ligação antiga dos Dolfin a Tiepolo que explica o encargo póstumo do retrato de Daniele IV (1656-1729), irmão do reformador do palácio familiar, ao artista veneziano, que o realizou em data incerta, mas que se pode situar entre 1750 e 1753. Destacado general da República, foi um dos protagonistas do longo conflito armado com o império turco no Peloponeso, entre 1684 e 1699, concluído com o bloqueio temporário da expansão otomana no mar Egeu. Participou na tomada de Atenas, em 1687,

tendo sido depois nomeado provedor da armada e capitão-geral, provedor-geral na Dalmácia e na Albânia. Após a paz de Carlowitz exerceu ainda importantes cargos públicos e militares, assistindo o rei da Dinamarca e Noruega no seu périplo pelos territórios venezianos, entre 1708 e 1709, como senador, eleito em 1711, e provedor-geral do Mar, em 1714. Designado comandante das forças navais da República na última guerra contra os turcos (1714-1718), não conseguiu manter o domínio do Peloponeso, o que lhe valeu uma destituição humilhante mas não o afastamento total dos negócios públicos, uma vez que tornou a servir como embaixador na Polónia, função para que foi chamado em 1717.

Embora não fosse um género habitualmente cultivado por Tiepolo, o retrato de Daniele IV não deixa de constituir um bom exemplo das suas competências artísticas e da facilidade em criar imagens de prestígio capazes de responder às necessidades de representação do patriciado urbano. O modelo, que remete para a grande tradição quinhentista do retrato veneziano, destaca-se de um fundo arquitetónico concebido como reforço da dignidade institucional de Daniele IV, sublinhada ainda pela riqueza principesca dos damascos e pelos símbolos da sua dedicação à Sereníssima: um barrete de função, o bastão de comando e o livro ornado com borlas de chumbo, este aludindo aos encargos civis da governança. Mesmo a luva que calça na mão esquerda, artifício para ocultar a perda de quatro dedos numa ação militar, realça a figura intangível deste herói da cidade de Veneza.

MS

APOIO: